

Eldorado: Imaginação Poética, a Metáfora é Revolução

Por Cristian Cancino

Uma dessas frases de Glauber Rocha que perambulam por aí, justificando em conversas de bar as mais diversas discussões sobre o cinema e a vida, encontra reverberação nas palavras do mestre da Escola de Santa Fé, o argentino Fernando Birri, autor do emblemático documentário *Tire Die*. A frase, de Glauber, diz que é preciso “ser radical”. Desgastada, a expressão, moeda corrente no âmbito dos anos 60, explica-se pela necessidade de tomar “as coisas pela sua raiz”. Eis o “ser radical” que não põe fogo em ninguém, mas que, por outra, falta aos círculos viciosos do pedantismo academicista e à imaginação artística de nosso cinema.

Birri fora convidado para o Festival de Havana de 1981, poucos meses após a morte de Glauber. Ali, ele participou de uma série de debates e improvisou algo sobre o sentido primordial da arte cinematográfica e, porque não (?), da própria vida. O seminário chamou-se Cinema e Imaginação Poética; na platéia, Paul Leduc, Humberto Solas e Cacá Diegues.

A proposta de Birri: “Vamos resgatar o sentido da palavra poesia na sua acepção primeira. Sem pedantismos, a arqueologia etimológica da palavra poesia vem do grego *poiesis*, o que quer dizer criação, de onde derivam criatividade e também artisticidade. Portanto, não há nenhuma obra que pertença ao fazer humano que não tenha raiz na intuição poética”.

“Não apenas no nosso campo de atuação, que é o cinema, mas em criações teatrais, na pintura, nos romances, na arquitetura ou na música, a mais secreta raiz é a intuição poética. Quando Einstein intuía novas dimensões para o tempo e o espaço também se estruturava a partir da criação poética.” E, assim, Birri chega à conclusão que a formulação mais nua e comum da poesia “é a metáfora, entre todas as figuras de linguagens possíveis”.

“Agora, percebam vocês”, continuou Birri, “a metáfora, em última análise, é uma figura de transformação: é uma figura pela qual se diz de um cavalo que ele tem as crinas como de fogo, ou seja, uma espécie de transmutação da realidade. Os surrealistas, inclusive, levando a experiência mais à frente, eliminaram o ‘como’, inaugurando assim uma técnica, sistematizando um artesanato poético. E falaram não mais de um cavalo com crinas ‘como’ de fogo, mas de cavalos de crinas de fogo, criando uma espécie de palingenesia, uma espécie de nova vida das palavras e das imagens”.

“Nesse sentido, perguntei-me durante toda a minha vida: qual seria a metáfora poética por excelência, qual seria a metáfora viva, a metáfora encarnada? E o que eu diria resulta numa quase obviedade, está interiorizado em todos nós. Porque essa metáfora viva, esse gesto que transmuta a vida chama-se Revolução.”

Birri segue a conferência destrinchando esse conceito à luz da cinematografia latino-americana, onde há uma enorme consciência comum ideológica, mas talvez onde falte ainda uma consciência artística correlata à raiz poética enunciada na própria anunciação da arte, da criatividade humana. Pois então, seria preciso ocupar a linguagem, “porque nossas palavras estão doentes e é preciso recuperá-las, remediá-las, para expressar nossa verdade revolucionária”.

Eis um pouco de Birri e da imaginação poética, como sentido último das aspirações coletivas comuns neste continente globalizado, América Latina.